

A ESTÓRIA DE BHÁRATA¹

Do Śrīmad Bhāgavatam

Bhárata, o filho do sábio rei Rsabha, era um poderoso monarca. Ele era tão poderoso que esta terra, que tinha sido conhecida até então por Ajanābha, daqui em diante passou a chamar-se de Bhāratavarsa, devido ao seu nome.

Bhárata governou seus súditos como um gentil pai que queria de coração o bem de todos seus filhos. Ele trabalhou incessantemente para o benefício de todos, com nenhum pensamento de ganho pessoal; por menor que fosse a tarefa, ele a executava como um serviço ao Senhor. Cada ato tornou-se assim um ato de devoção, purificando seu coração, libertando-o das paixões e finalmente unindo sua consciência com a do Supremo Brahman.

Em sua velhice o rei Bhárata dividiu seu reino entre seus cinco filhos e retirou-se para a floresta para meditar em Deus, esperando assim cortar as amarras do Karma que o prendiam à vida. Ele sabia que todos os seus deveres e seu trabalho eram apenas uma preparação para o momento quando todas as correntes que prendiam sua alma à matéria fossem cortadas para sempre.

Nas margens do rio Gandakī, na floresta dos Himālayas, ele próprio construiu uma pequena cabana de folhagem, e lá, meditando constantemente sobre o Deus de Amor, que reside nas almas de todos os homens, encontrou a paz interior pela qual se esforçou toda sua vida.

A cada manhã ele oferecia a adoração com a seguinte oração:

“Meditemos sobre a Suprema Luz. Dela todo o universo surgiu. Ela existe no coração de todos, e a Ela tudo retornará. Ela é a inteligência em todos os seres. Ela é o guia de toda a inteligência. Nela tomamos refúgio.”

Assim dias, meses e anos se passaram.² Então um dia uma corça veio beber água perto do lugar onde o sábio rei estava meditando. No mesmo momento, a uma pequena distância, um leão rugiu. A corça ficou tão aterrorizada que não parou para satisfazer sua sede, mas saltou subitamente para cruzar o rio. Como ela estava prenha, este extremo esforço e medo súbito fizeram com que ela desse a luz a um pequeno filhote e em seguida instantaneamente caiu morta. O filhote caiu na água e estava sendo arrastado pela corrente quando foi visto por Bhárata. Instantaneamente o rei se levantou de sua meditação e resgatou o animal recém-nascido da água. Ele o levou à cabana, acendeu uma fogueira e com cuidado e atenção trouxe-o de volta a vida. Então o carinhoso rei colocou o gamo sob sua proteção, alimentando-o com frutas e grama fresca. Ele se desenvolveu sob o cuidado paternal do retirado monarca e se tornou um belo gamo. Então ele, cuja mente tinha sido forte o suficiente para quebrar seu apego de toda sua vida ao poder, posição e família, tornou-se apegado ao gamo que tinha salvado do riacho. E enquanto ele ficava mais e mais apegado ao gamo, menos ele podia se concentrar no Senhor. Quando o gamo saía para se alimentar na floresta e demorava em retornar, o sábio rei ficava

¹ Tradução do capítulo III da parte V (pág. 100) do livro *“Srimad Bhagavatam, The Wisdom of God”*, traduzido e editado por Swami Prabhavananda.

² Deste ponto até o final do capítulo a tradução é de Swami Vivekananda, levemente revisada (nota do editor).

preocupado e ansioso. Ele pensava: “Talvez meu pequeno tenha sido atacado por algum tigre ou talvez algum outro perigo tenha caído sobre ele, senão por que demora tanto em retornar?”

Alguns anos se passaram deste modo. Então um dia, sabendo que a morte estava próxima, o sábio rei deitou-se para morrer. Mas sua mente ao invés de permanecer fixa no Ser, estava pensando sobre o gamo; e enquanto seus olhos estavam fixos na face triste do seu gamo bem-amado, sua alma deixou o corpo. Como resultado disto, em seu próximo nascimento ele nasceu como um gamo. Mas nenhum Karma se perde e todas as grandes e boas ações feitas por ele como um rei e sábio deram frutos. Este gamo nasceu jātismara. Ele se lembrava de seu nascimento anterior, apesar de privado da fala e vivendo em um corpo animal. Ele sempre se afastava de seus companheiros e era instintivamente atraído e pastava próximo às eremitas onde adorações eram oferecidas e onde os Upanishads eram ensinados.

Após o costumeiro tempo de vida dos gamos ter passado, ele morreu, e nasceu em seguida como o filho mais novo de um rico Brahmin. Nesta vida ele também se lembrava de seu passado e mesmo na infância estava determinado a não mais se prender ao que é bom ou mau da vida. Enquanto crescia, se tornava forte e saudável, mas não falava nenhuma palavra. Ele vivia como alguém de raciocínio fraco e preguiçoso, por medo de envolver-se nos assuntos mundanos. Seus pensamentos estavam sempre no Infinito e ele vivia apenas para esgotar seu Prārabdha-karma. Com o passar do tempo seu pai morreu e os outros filhos dividiram a propriedade apenas entre eles. Pensando que o filho mais novo era mudo e estúpido e que não servia para nada, eles pegaram sua parte. Sua caridade por ele se estendia apenas ao ponto de dar comida suficiente para viver. As esposas dos irmãos eram frequentemente muito duras com ele, obrigando-o a fazer todo o trabalho duro, e se ele fosse incapaz em algum momento de fazer o que elas exigiam, elas o tratavam sem nenhuma simpatia. Mas ele não demonstrava medo ou tristeza, nem falava uma palavra. Quando elas o perseguiam demais ele saía da casa e se sentava sob uma árvore, permanecendo hora após hora, até que a raiva delas amainava e então ele quietamente retornava a casa novamente.

Um dia quando as esposas de seus irmãos o trataram com mais dureza do que de costume, Bhárata saiu da casa, sentou-se sob a sombra de uma árvore e descansou. Neste momento aconteceu que o rei Rahūgana estava passando por ali, carregado em um palanquim sobre os ombros de carregadores. Um dos carregadores subitamente adoeceu e os atendentes do rei procuravam por um homem para substituí-lo. Eles viram Bhárata sentado sob uma árvore e vendo que era forte, perguntaram se poderia tomar o lugar do homem doente.

Bhárata não respondeu e por isso os serventes do rei o pegaram e colocaram o suporte do palanquim sobre seus ombros. Sem falar uma palavra, Bhárata andava junto com os outros carregadores. Logo em seguida o rei reclamou que o palanquim estava sendo carregado aos solavancos e olhando para fora se dirigiu ao novo carregador, dizendo: “Seu estúpido, descansa um pouco; se teus ombros doem, descansa um pouco.” Então Bhárata, descendo o palanquim abriu seus lábios pela primeira vez nesta vida e falou:

“A quem tu, ó rei, chamas de estúpido? A quem tu pedes para descer o palanquim? A quem tu chamas de cansado? A quem te diriges como ‘tu’? Se o que

queres dizer, ó rei, pela palavra 'tu', é esta massa de carne, ela é composta da mesma matéria que a tua; é inconsciente e não sabe o que é cansaço, não sabe o que é dor. Se queres dizer que é a mente, ela é mesma que a tua, ela é universal. Mas se pela palavra 'tu' significas algo que está além disso, então é o Ser, a Realidade em mim, que é a mesma em ti; é o Único no universo. Queres dizer então, ó rei, que o Ser pode cansar-se, pode machucar-se? Eu não queria, ó rei - este corpo não queria - pisar nos pobres vermes que rastejam pelo caminho e por isso eu tentava evitá-los e isto provocava os solavancos no palanquim. Mas o Ser jamais se cansa, jamais se enfraquece, jamais segurou o palanquim, pois é onipotente e onipresente”.

O rei Rahūgana, que era orgulhoso de sua erudição, conhecimento e filosofia, desceu do palanquim e prostrou-se aos pés de Bhárata, dizendo: “Peço teu perdão, ó poderoso, eu não sabia que eras um sábio quando pedi que me carregasse. É uma grande benção para mim, ter te encontrado. Por favor, me ensine o conhecimento do Ser.”

“Ó rei”, disse Bhárata, “conhecer teu Ser é o supremo conhecimento. Mas este conhecimento do Ser não surge em um homem enquanto pensar que pode encontrar felicidade no mundo transitório.

“O homem permanece aprisionado por suas próprias ações, boas ou más, devido à identificação do Ser com os três Gunas - Sattva, Rajas e Tamas. O bom ou mal se prende apenas à mente e jamais ao verdadeiro Ser. A mente é como um adjunto para o Ser. O divino Ser aparece como um espírito individual devido à sua associação e identificação com a mente. Da maneira que são as ações - boas ou más - que se prendem à mente, assim será o novo nascimento, superior ou inferior. O homem desfruta ou sofre de acordo com suas ações. A mente, assim, é a causa da escravidão e também é a causa da liberação.

“A mente associada com os Gunas torna-se a causa da escravidão e sofrimento; mas quando libertada de sua associação traz liberdade e paz.

“O eterno sujeito, a eterna testemunha, é o divino Ser - intocado por quaisquer ações ou pensamentos. Está além da mente e dos sentidos. É a própria luz. É Deus - chamado Nārāyana, pois 'Ele reside no coração de todos os seres'. Ele é Vāsudeva, pois 'Ele é o refúgio de todos os seres'. Ele é o governador de Sua própria Māyā e assim mora no coração de todos que criou.

“Os seres humanos dão voltas sem cessar na roda do nascimento e morte até que despertem, e controlando suas paixões, libertem-se da escravidão de Māyā e conheçam a verdade sobre o Divino Ser. Não há salvação ou liberação até que um homem liberte-se de sua própria mente, conhecendo a verdade do Ser como distinto da mente. É a mente que causa todas as experiências de sofrimento, ilusão, doença, luxúria, cobiça e raiva. A mente é a morada de tudo isto. Subjugue esta mente com a espada do conhecimento que foi afiada pela adoração do Senhor de Amor, o mestre de todos os mestres.

“Existe uma Verdade, uma existência - o próprio conhecimento, a consciência unitária, pura, imutável, além do sujeito e do objeto. Este conhecimento é chamado de Deus - o Senhor de Amor.

“Nem pelo mero estudo dos Vedas, nem pela austeridade, nem mesmo pelas boas ações, pode-se atingir este conhecimento, mas pela associação com grandes almas. Quando o coração torna-se puro, tem-se felicidade na meditação sobre o

Senhor de Amor. Queimando o pecado da ignorância no fogo do conhecimento, o homem realiza sua identidade com Brahman, e alcança o Senhor de Amor, a meta da vida.

“Em realidade, este mundo pode ser comparado a uma floresta densa onde os homens se perderam. Existem assaltantes na floresta – os sentidos e as experiências sensórias – que nos roubam de nossa própria herança, a divindade interna. Há uma miragem diante de nós; nós a vemos e corremos para satisfazer nossa sede. Existe a sede pela felicidade em nós, e corremos para satisfazê-la no mundo objetivo, que é tão ilusório como a miragem. Às vezes nos lembramos que não há nada desejável no mundo, mas isto logo esquecemos. Damos voltas e voltas nesta floresta e não encontramos o caminho para sair dela até que algum gentil viajante, alguma grande alma, o revele para nós. Os sábios, autocontrolados, tendo alcançado a liberação para si mesmos, mostram-nos o caminho para a liberdade.

“Ó rei Rahūgana, tu também estás perdido na profunda floresta do mundo. Abandone todo apego, tenha simpatia por todos os seres, e com a espada do Conhecimento, aguçada pela adoração, meditação e serviço, corte as correntes da ignorância.”

Após ter Bhárata assim falado, o rei prosternou-se diante dele. Então se despediram um do outro. Bhárata continuou a ensinar a Verdade que realizou e o rei retornou ao seu reino para realizar a Verdade que tinha aprendido.

